

A ALQUIMIA RELIGIOSA COMO FORMA DE CONSTRUÇÃO LITERÁRIA NO ROMANCE “GRANDE SERTÃO: VEREDAS” DE JOÃO GUIMARÃES ROSA

Clademilson Fernandes Paulino da Silva (Bacharel em Teologia; Mestre e Doutorando em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Professor da Faculdade Teológica Batista de Campinas e do Seminário Teológico Batista Grandes Lagos).

Resumo

Tomando como ponto de partida o sincretismo religioso como preocupação e tema do presente artigo, o mesmo, aproximando religião, teologia e literatura, observa as formas de misturas de religiosidades, teologias e pressuposições filosóficas de duas grandes tradições religiosas no romance *Grande Sertão: Veredas* de João Guimarães Rosa. Deste modo, utiliza-se dos termos comuns para o estudo do sincretismo como hibridação e bricolagem e, assim, opta-se pelo termo alquimia para falar de sincretismo na obra literária de Rosa.

Palavras-chave: João Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*, teologia e literatura, sincretismo, alquimia religiosa

Abstract

Religious alchemy as a way of literary construction in the novel "Grande Sertão: Veredas" of João Guimarães Rosa

Having as the starting point the religious syncretism, this article seeks to analyse the mix of religiosity, theology and philosophical presuppositions of two great religious traditions in the novel *Grande Sertão: Veredas* of Joao Gimaraes Rosaa. Thus, we use terms common in the study of syncretism such as *hybridation* and *bricolagem*. We chose the term alchemy to talk about syncretism in this novel.

Key words: João Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*, theology and literature, syncretism, religious alchemy

“Sem imodéstia, porque tudo isso de modo muito reles, apenas, posso dizer a Você o que Você já sabe: que sou profundamente, essencialmente religioso, ainda que fora do rótulo estrito e das fileiras de qualquer confissão ou seita; antes, talvez, como o Riobaldo do “G.S: V.”, pertença a todas. E especulativo, demais. Daí, todas as minhas, constantes, preocupações religiosas, metafísicas, embeberem os meus livros. Talvez meio-existencialista-cristão (alguns me classificam assim), meio neo-platônico (outros me carimbam disto), e sempre impregnado de

hinduísmo (conforme terceiros). Os livros são como eu sou. [...] Ora, Você já notou, decerto, que, como eu, os meus livros, em essência, são “anti-intelectuais” – defendem o altíssimo primado de intuição, de revelação, de inspiração sobre o bruxolear presunçoso da inteligência reflexiva, da razão, a megera cartesiana. Quero ficar com o Tão, com os Vedas e Upanixades, com os Evangelistas e São Paulo, com Platão, com Plotino, com Berson, com Berdieff – com Cristo, principalmente.”¹

Palavras preliminares

Acredito, antes mesmo da introdução desse trabalho, que seja preciso a apresentação de um parágrafo preliminar para poder localizar o conteúdo do texto, o lugar da pesquisa e seus objetivos. Primeiro, preciso dizer que tomo a literatura como ponto de partida e também de chegada na observação dos conteúdos religiosos que serão analisados; respeitando, obviamente, os limites propostos aqui: principalmente a questão do sincretismo, tema aqui em discussão. Segundo, preciso dizer que não é objetivo desse trabalho apresentar dados históricos, sociais e culturais que possam ser analisados no romance e apresentados como que endossados pelo texto da literatura, como tranqüilamente também poderia ser feito². Em terceiro e último lugar preciso apontar, de forma ainda bem preliminar, que o objetivo desse trabalho é o de observar o como grandes tradições religiosas (em suas teologias e pressuposições filosóficas) aproximadas, unidas e sincretizadas, podem, num texto de literatura, criar uma forma de religião, ou, de forma melhor delimitada, uma forma de religiosidade própria.

Introdução

Tomo como questão introdutória, importante para a compreensão do que o tema e o título do trabalho propõe, o problema da definição daquilo que aqui se quer chamar de sincretismo ou sincretismos. Em princípio, depois das leituras feitas para a produção do presente texto, fiquei preocupado no como identificaria a questão do sincretismo dentro do romance “*Grande Sertão: Veredas*” de Guimarães Rosa - texto literário - sem perder ou

¹ ROSA, João Guimarães; e BIZZARRI, Edoardo. *João Guimarães Rosa: Correspondência com seu tradutor Italiano Edoardo Bizzarri*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003. p.90. Correspondência de 25 de Novembro de 1963, enviada por João Guimarães Rosa.

² Cf. RICHARD, Pablo. (organizador). *Raízes da Teologia Latino-Americana*. São Paulo: Paulinas, 1987. (Coleção Libertação e Teologia); SILVA, Eli Brandão. *O Nascimento de Jesus-Severino no Auto de Natal Pernambucano como Revelação Poético-Teológica da Esperança. Hermenêutica Transtexto-discursiva na Ponte entre Teologia e Literatura*. São Bernardo do Campo: UMESP, 2001. 294p. (Tese de Doutorado); e MANZATTO, Antonio. *Teologia e Literatura: Reflexão Teológica a partir da Antropologia Contida nos Romances de Jorge Amado*. São Paulo: Loyola, 1994. 387p.

mesmo contaminar aquilo que o romance apresenta como sendo sincretismo sem ser ou ter o sincretismo como principal preocupação na sua construção enquanto texto.

O romance, pensando em sincretismo como a combinação de práticas religiosas tradicionais³, não traz nenhuma citação ou história desses tipos de encontro, nem problematiza esses encontros e combinações dentro do contexto onde o romance está inserido: o sertão do estado de Minas Gerais, o sul da Bahia e parte de Goiás. Também, a partir dessa mesma preocupação, não possui nenhuma abordagem ou apresentação de fatos ou temas relacionados à conquista de um povo sobre outro povo: europeus sobre ameríndios ou europeus sobre africanos americanizados⁴, fatos e temas comumente tratados na literatura latino-americana e brasileira. E, apesar de falar de uma *travessia*, vida em trânsito, algo movente e *mutante*⁵, não possui, diretamente, nenhuma preocupação com a *diáspora* cultural e religiosa dentro do espaço dos *brasis* apresentado pelo texto, fruto desse conturbado trânsito humano, étnico, racial, cultural e religioso, que, para Canevacci, é “a mãe do sincretismo”⁶. Por essa razão, assim como fora dito nas *palavras preliminares*, não é objetivo desse presente texto trabalhar dados históricos ou sócio-culturais apresentados pelo romance que mostrem um *sincretismo* de forma explícita; ou ainda, apresentar um sincretismo observado pelo autor - seja no contexto do lugar geográfico do livro ou no contexto de vida do próprio autor - que possa ter influenciado na construção do romance; o que, desta forma, nos dois casos, de modo direto, diria respeito a um sincretismo explicitado pelo “Grande Sertão: Veredas”, o que seria a apresentação de um dado ou de um *algo* observável enquanto acontecimento histórico, social ou cultural entendido como sincrético numa obra de literatura; o que aqui, como já dito, não se objetiva.

Ainda nessa mesma direção, levando em consideração o texto de Canevacci e também o texto de Canclini - aqui apresentados -, está o problema do *conceito*, da palavra que sirva para definir, em primeiro lugar, o que significa sincretismo - ainda não tenho como fugir da palavra - e, depois, para definir sincretismo dentro do romance, tema e proposta desse presente texto. Das palavras apresentadas por Canevacci (*marronização*, *bricolagem*,

³ CANCLINI, Nestor García. *Noticias Recientes sobre la Hibridación*. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque; e RESENDE, Beatriz (orgs) *Artelatina*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000. p.73.

⁴ Digo isso pensando nos textos de SANCHIS, Pierre (org). *Fiéis e Cidadãos*. Rio de Janeiro, UERJ, 2001. e SOARES, Afonso Maria Ligório. *Interfaces da Revelação*. São Paulo: Paulinas, 2003; e Id. *Sincretismo e Inculturação: Pressupostos para uma Aproximação Teológica-Pastoral às Religiões Afro-brasileiras, Buscando na Epistemologia de Juan Luis Segundo*. São Bernardo do Campo: UMESP, 2001. 285p. (Tese de Doutorado). Sem deixar de também pensar no texto de Canevacci. Onde o autor apresenta o sincretismo como um algo movente, em *movimento*, um Exu do e em *movimento*, que, nesse movimento, faz uma tentativa de retorno a pureza cultural e religiosa daquilo que foi *sincretizado*, ou ainda, uma antropofagia cultural baseada na escolha do que interessa e é melhor para ser comido. CANEVACCI, Massimo. *Sincretismo: uma Exploração das Hibridações Culturais*. São Paulo: Studio Nobel, 1996. p.96.

⁵ Id. Ibid. p.96.

⁶ Id. Ibid. p.08.

bifurcação, *mirrorshades* (óculos espelhados), *dialética*, *dialógica* e *polifonia*) às palavras apresentadas por Canclini (*mestizaje*, *transculturación*, *creolización* e *hibridación* - esse último termo como forma de explicação para os demais), além do *mix juice and mix salada*, apresentado pela colega Andréa Tomita⁷; preferi, em princípio, ficar com os termos hibridação e bricolagem.

O conceito de hibridação, *processo* que gera o híbrido, apresentado por Canclini, parece servir muito bem para a conceituação daquilo que pode ser entendido como forma de se falar de sincretismo dentro da literatura, principalmente do romance de Rosa, obra literária aqui analisada. A palavra hibridação, que foi tomado da biologia, pode servir como termo de conceituação para todo o processo de combinação de formas (também das formas culturais e religiosas) que antes existiam separadas e foram combinadas a fim de gerar uma nova forma (*nuevas estructuras, objetos y prácticas*⁸): o híbrido; que acaba, no fim de todo o processo, sendo entendido como uma forma mais adaptada ao ambiente e, também por isso, entendido como uma forma melhor⁹ dentro desse mesmo ambiente. Contudo, o termo bricolagem, do francês - aquilo que é feito de forma artesanal - possui, dentro daquilo que quero entender como sincretismo no romance de Rosa, um conceito-palavra melhor e mais apropriado, já que o termo, que também pressupõe a utilização de duas coisas separadas que misturadas formaram uma outra coisa, revela, ou dá a entender, um processo que acontece com mais naturalidade e menos engenhosidade, que não seria possível num processo de hibridação. Porém, mesmo sendo os termos mais apropriados, tanto hibridação como bricolagem - que considero o melhor termo -, são termos insuficientes para tratar de sincretismo - termo menos apropriado ainda - dentro do romance "Grande Sertão: Veredas".

1. Sincretismo e alquimia religiosa

Entendendo a impossibilidade de usar esses termos para pensar sincretismo dentro do romance de Guimarães Rosa, passo a pensar que o termo utilizado por Francis Utéza para tal propósito é o mais adequado: alquimia¹⁰. Nessa proposta, faço não só o uso do

⁷ Apud FUJITA Tomio. *Sincretismo: Mix Juice and Mix Salada*. In: NAKAMAKI, Hirochika. *Tosui Suru Bunka Chananbei no Shukyo to Shakai*. Japan: Heibonsha, 1992.

⁸ CANCLINI, Nestor García. *Noticias Recientes sobre la Hibridación*. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque; e RESENDE, Beatriz (orgs) *Artelatina*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000. p.62.

⁹ Cf. Id. *Ibid.* p.64.

¹⁰ UTÉZA, Francis. *João Guimarães Rosa: Metafísica no Grande Sertão*. (tradução: José Carlos Garbuglio). São Paulo: EDUSP, 1994. pp.39-53. O próprio Guimarães Rosa em entrevista a Günter Lorenz em janeiro de 1965, usa o termo para falar de construção literária. "Escrever é um processo químico; o escritor deve ser um alquimista. Naturalmente pode explodir no ar. A alquimia do escrever precisa de sangue do coração". *Diálogo com Guimarães Rosa*. In: COUTINHO, Eduardo F. (org.). *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro e Brasília: Civilização Brasileira e INL, 1983. (Coleção Fortuna Crítica - Volume 06). p.85.

termo como também da preocupação do autor com a utilização do mesmo, que é a negação do sincretismo como forma de leitura para romance:

“A tentação é grande de falar aqui de sincretismo: só pronunciamos esta palavra, porém, para refutar sua validade. Não se trata absolutamente da assimilação de elementos diversos tomados de doutrinas diferentes. Trata-se da afirmação de que o Conhecimento é Uno, embora se oculte embaixo de máscaras múltiplas herdadas da história. A sabedoria, a iluminação, o *satori* são fruto de uma alquimia interna que concilia os contrários e livra do “Mal”, do encadeamento das causas e das conseqüências, da fluidez das coisas, do Carma, da Nêmesis: os discípulos do Trismegisto¹¹ dizem com certeza a mesma coisa que os filhos do Céu.”¹²

Porém, mesmo negando o sincretismo - mais o termo -, não vejo a possibilidade de suprimi-lo de dentro do romance. Ele sempre estará lá. Contudo, negá-lo e ampliá-lo para *alquimia* religiosa, possibilita uma melhor leitura do processo de mistura religiosa dentro do romance; repito: não como dado histórico, social ou cultural observável. O *solve et coagula* da alquimia possibilita a compreensão do derretimento (*solve*) de duas ou várias formas de religião, sua mistura e, por fim, sua re-configuração (*coagula*) em algo que não é mais nenhuma das religiões anteriores: melhorada, ampliada, subjugada, co-existente etc -, mas sim uma outra forma religiosa única e nova, impossível de ser novamente separada, ou ainda, observável apenas a partir das partes que a constituíram, já que o processo alquímico solveu (derreteu) as outras religiões e apenas a observação do que foi coagulado, a nova coisa, é que dará a compreensão da nova religião ou concepção religiosa existente. O que, na obra literária especificamente observada aqui, talvez nem exista efetivamente e seja apenas uma busca metafísica-existencial do autor do romance (a busca por uma religião pessoal e significativa) e, da mesma forma, uma percepção intuitiva do assunto dentro do texto-comentário de Francis Utéza.

“Que isso foi o que sempre me invocou, o senhor sabe: eu careço de que o bom seja bom e o ruim ruim, que dum lado esteja o preto e do outro o branco, que o feio fique bem apartado do bonito e a alegria longe da tristeza! Quero os todos pastos demarcados... Como é que posso com

¹¹ “É verdade, sem mentira, certo e muito verdadeiro: O que está abaixo é como o que está acima e o que está acima é como o que está abaixo para fazer os milagres de uma só coisa, e do mesmo modo que todas as coisas têm sido e têm vindo de um pela mediação de um, assim todas as coisas são nascidas desta coisa única por adaptação. O Sol é seu pai, a Lua é sua mãe, o vento o terá levado em seu sonho, a terra é sua nutriz; o pai de tudo, o Thelesma de todo o mundo, está aqui; sua força e potência serão completas se é convertido em terra. Separarás a terra do fogo, o sutil do espesso, suavemente e com grande habilidade; subirá da terra ao céu e de novo descerá à terra, deste modo recebe a força das coisas superiores e inferiores. Por este meio terás a glória de todo o mundo e toda obscuridade se afastará de ti. É a força forte de toda força, pois vencerá toda coisa sutil e penetrará toda coisa sólida. Assim foi criado o mundo. Disto se fará e surgirão admiráveis adaptações cujo meio está aqui. Por isso sou chamado Hermes Trismegisto, porque possuo as três partes da sabedoria de todo o mundo. O que disse da Operação do Sol está cumprido e acabado.” Tábua de Esmeralda.

¹² UTÉZA, Francis. *João Guimarães Rosa: Metafísica no Grande Sertão*. (tradução: José Carlos Garbuglio). São Paulo: EDUSP, 1994. p.53.

este mundo? A vida é ingrata no macio de si; mas transtraz a esperança mesmo do meio do fel do desespero. Ao que, este mundo é muito misturado...”¹³

Esse mundo que é *muito misturado* para Rosa, na relação entre a definição e delimitação do bem e do mal - assunto do texto citado acima - revela não só uma mistura entre as *forças* motrizes do bem (Deus) e do mal (Diabo) e uma mistura do próprio bem e mal em sua essência e existência¹⁴, mas também uma mistura das formas [religião(ões)] de compreensão desse mundo.

Para o autor do romance, essa *uma* única forma (religião) de compreensão da vida e do mundo é insuficiente para explicar; mesmo que exista quem consiga explicar desta forma única e mesmo que ele, autor-personagem, tente desta forma única explicar:

“Então – eu pensei – por que era que eu também não podia ser assim, como o Jõe? (...) no sentir da natureza dele, não reinava misturas nenhuma nesse mundo – as coisas eram bem divididas, separadas. – “De Deus? Do demo?” – foi respondido por ele – “Deus a gente respeita, do demônio se esconjura e aparta... Quem é que pode ir divulgar o corisco de raio do bôrrro¹⁵ da chuva, no grosso das nuvens altas?”¹⁶

Por essa razão (e também por outras) uma só religião, tanto para a personagem quanto para o autor, não é suficiente:

¹³ ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p.237.

¹⁴ Acredito que as questões sobre o bem e o mal, sobre a ação e a existência de Deus e do diabo, do sofrimento da vida - sofrimentos e maldades que não se explicam - as principais razões para as preocupações religiosas do autor contidas no texto. É a partir dessas preocupações e questionamentos que o autor constrói aquilo que é possível de observar como alquimia religiosa, termo agora usado. Diante do sofrimento ele procura por explicações, procura por respostas que contenham algum tipo de metafísica suficiente. E faz isso nas religiões que ele observa: no kardecismo de seu compadre Quelemém; nas tradições católicas apresentadas em curtas narrativas contidas no texto; e em teorias do taoísmo, como a existência *conjunta* do bem e do mal (estou dizendo tudo isso de forma bastante geral): “Mire e veja: se me digo, tem um sujeito Pedro Pindó, vizinho daqui mais seis léguas, homem de bem por tudo em tudo, ele e a mulher dele, sempre sidos bons, de bem. Eles têm um filho duns dez anos, chamado Valtêi – nome moderno, [...] uma vez encontrou uma crioula benta-bêbada dormindo, arranjou um caco de garrafa, lanhou em três pontos a popa da perna dela. [...] – “Eu gosto é de matar...” – uma ocasião ele pequenino me disse. [...] o pai, Pedro Pindó, modo de corrigir isso, e a mãe, dão nele, de miséria e mastro – botam o menino sem comer, amarram em árvores no terreiro, ele nu nuelo, mesmo em junho frio, lavram o corpinho dele na peia e na taca, depois limpam a pele do sangue, com cuia de salmoura. [...] Are, que agora, visível, o Pindó e a mulher se habituaram de nele bater, de pouquinho em pouquinho foram criando nisso um prazer feio de diversão – [...] E, agora, pagava. Ah, mas, acontece, quando está chorando e penando, ele sofre igual que se fosse um menino bonzinho...”. ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. pp.29-30. O texto citado é uma das muitas curtas narrativas inseridas no texto que carecem de uma explicação. Riobaldo, o narrador, não entende como suficiente, para casos semelhantes, as explicações que as tradições religiosas dão: nem o dualismo cristão (maniqueísmo), nem o carma do hinduísmo-kardecismo (explicação do Quelemém), nem a fonte comum e a mistura do bem e do mal do taoísmo. Cf. SILVA, Clademilson Fernandes Paulino da. *Liberdade e Sofrimento: o “Grande Sertão: Veredas” de João Guimarães Rosa em diálogo com a teologia de Juan Luis Segundo*. São Bernardo do Campo: UESP, 2005. (Dissertação de Mestrado).

¹⁵ “Embaçado, borrado. // Deriv. regress. de borrar ou bôrrro. [a frase tem valor metafórico, em referência a Deus e ao demônio].” MARTINS, Nilce Sant’anna. *O Léxico de Guimarães Rosa*. São Paulo: Edusp, 2001. p.78.

¹⁶ ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p.237.

“O que mais penso, testo e explico: todo-o-mundo é louco. O senhor, eu, nós, as pessoas todas. Por isso é que se carece principalmente de religião: para desendoidecer, desdoidar. Reza é que sara loucura. [...] Muita religião, seu moço! Eu cá, não perco ocasião da religião. Aproveito de todas. Bebo água de todo o rio... Uma só, para mim é pouca, talvez não me chegue. Rezo cristão, católico, embrenho a certo; e aceito as preces de compadre meu Quelemém, doutrina dele, de Cardéque. Mas, quando posso, vou no Mindubim, onde o Matias é crente, metodista: a gente se acusa de pecador, lê alto a Bíblia, e ora, cantando hinos belos deles. Tudo me quieta, me suspende. Qualquer sombrinha me refresca.”¹⁷

Também por esse mesmo motivo apresento o título que é proposto: “a alquimia religiosa como forma de construção literária no romance “Grande Sertão: Veredas” de João Guimarães Rosa”, já que o autor, aquele que construiu o texto literário (o romance), confundiu-se, misturou-se (alquimia) com o personagem, que é aquele que é o texto literário em si: “sou profundamente, essencialmente religioso, ainda que fora do rótulo estrito e das fileiras de qualquer confissão ou seita; antes, talvez, como o Riobaldo do “G.S: V.”, pertença a todas.”¹⁸

2. Múltipla pertença e alquimia religiosa

Essa múltipla pertença do personagem, apresentada na citação anterior, junto à múltipla pertença do autor, também citada anteriormente, revelam a múltipla pertença das imagens religiosas contidas no romance. O texto, para Günter Lorenz, entrevistador apresentado mais acima, é *um processo sincrético*, dentro da proposta desse presente texto: uma alquimia religiosa:

“O ambiente [...] do Grande Sertão: o sertão (o pampa) do Brasil, um mundo no dia da Criação, povoado por homens que ainda não perceberam as conseqüências do pecado original, que ainda não derrubaram as pontes para o paraíso. [...] Nesse mundo trágico e cheio de tensão reinam deuses que só aparentemente recuaram ante o cristianismo mas que, na realidade, são forças motrizes dele em que ainda se fiam e aos quais obedecem um povo e um continente inteiro.”¹⁹

¹⁷ Id. Ibid. p.32.

¹⁸ ROSA, João Guimarães; e BIZZARRI, Edoardo. *João Guimarães Rosa: Correspondência com seu tradutor Italiano Edoardo Bizzari*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003. p.90. Correspondência de 25 de Novembro de 1963, enviada por João Guimarães Rosa.

¹⁹ BUSSOLOTTI, Maria Aparecida Faria Marcondes (org). *João Guimarães Rosa: Correspondência com seu Tradutor Alemão Curt Meyer-Clason*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003. pp.377-379. Correspondência de Curt Meyer-Clason – Anexo ao dia 24 de Novembro de 1966. “Epopéia de potência clássica: o ciclo de romances de *Corps de Ballet* de João Guimarães Rosa”. Por: Guenter W. Lorenz.

O taoísmo como referência

A múltipla pertença religiosa contida no romance, de deuses que não recuaram diante do cristianismo, mas se tornaram forças motrizes dele, revela-se desde os inícios do livro: primeiro, na própria capa do livro, nos desenhos de Poty, feitos a partir de sugestões do autor, e, segundo, no próprio título e subtítulo do livro.

Os desenhos, tanto da primeira versão como da versão definitiva, revelam, segundo Francis Utéza, o encontro entre o oriente e o ocidente. As gravuras possuem imagens do Egito, como a esfinge; símbolos da astrologia, representados pelas letras contidas nos desenhos VAB, D e R; o signo de Salomão, imagem gráfica da “Pedra Filosofal” da tradição da alquimia²⁰; o símbolo do infinito; imagens cristãs, como as cruzes de Santo André e igrejas do interior de Minas Gerais; imagens do sertão mineiro, como os buritis e os animais; cenas do livro; e imagens do diabo.²¹



livro revelam o encontro entre o ocidente e o oriente. Para o autor, o “Grande Sertão: Veredas”, título do livro, traz nas três palavras contidas no mesmo uma leitura do Taoísmo:

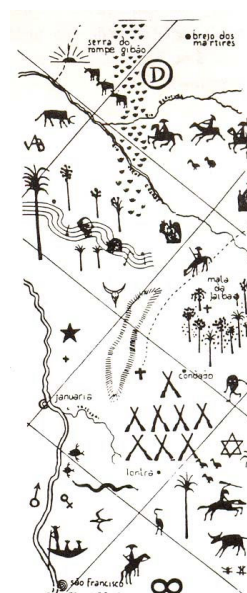
“[...] importa reter o que o adjetivo *grande* acrescenta ao substantivo *sertão*. Não se trata apenas de uma simples questão espacial: é a anteposição do próprio arquétipo, é o sagrado que se instaura no além do profano. As veredas-oásis, que nos *Gerais* de Minas e de Goiás equilibram os

²⁰ Eu conhecia esse símbolo como estrela de Davi.

²¹ UTÉZA, Francis. *João Guimarães Rosa: Metafísica no Grande Sertão*. (tradução: José Carlos Garbuglio). São Paulo: EDUSP, 1994. pp.58-64.



Ainda segundo Utéza, além dos desenhos, o próprio título e subtítulo do



fluidos a secura do sertão, tornam-se caminhos que levam ao conhecimento, ao princípio indiferenciado do *Tao* dos orientais. [...] O Ser do Tao é o resultado da dinâmica dos arquétipos yin e yang agindo em oposição-complementaridade nas Veredas do Ser tão.”²²

Isso também se revela no entusiasmo de Guimarães Rosa demonstrando em carta ao tradutor italiano de suas obras, Edoardo Bizzarri, em relação ao título que o livro receberia na versão em alemão:

“P.S. – O “Grande Sertão: Veredas” sairá ainda este ano na França, com o título de “Diadorim”. E, também este ano, na Alemanha, com o título de (!): “GRANDE SERTAO”. (Sem til.).”²³

Além disso, para Utéza, a água da vereda (*solve*) e a terra do sertão (*coagula*) revelam também o processo de fusão dos materiais da tradição medieval hermético-alquímico.²⁴ Já com relação ao subtítulo do livro: “*o diabo na rua, no meio do redemunho*”, que é anúncio do desfecho da estória, possui “uma fórmula proverbial cujo conteúdo folclórico é de origem portuguesa”²⁵. O arquétipo rua é o espaço da ação do diabo, que tudo confunde e bagunça (*daimon*), o que também possui característica de uma re-escritura bíblica: “é Yahvé utilizando de Satã para irritar Jó”²⁶.

Esses múltiplos encontros de tradições, culturas e religiões são também vistos e entendidos por Utéza, a partir de uma análise exegética exaustiva dos nomes das personagens e de seus contextos dentro do livro. Além de outras palavras e situações específicas dentro do romance que também passaram pelo mesmo processo, que não cabem aqui, nesse presente texto, serem analisados ou mesmo citados, já que essa não é a intenção mesmo.²⁷

O tomísmo como referência

²² Id. Ibid. p.56.

²³ ROSA, João Guimarães; e BIZZARRI, Edoardo. *João Guimarães Rosa: Correspondência com seu tradutor Italiano Edoardo Bizzarri*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003. p.150. Correspondência de João Guimarães Rosa – 07 de Abril Correspondência de João Guimarães Rosa – 25 de Novembro de 1963 de 1964 (Acrescentado à mão).

²⁴ UTÉZA, Francis. *João Guimarães Rosa: Metafísica no Grande Sertão*. (tradução: José Carlos Garbuglio). São Paulo: EDUSP, 1994. p.56.

²⁵ Id. Ibid. pp.56-57.

²⁶ Id. Ibid. p.57.

²⁷ O autor é extremamente detalhista nas observações de onde o autor do romance poderia ter tirado determinada palavra, conceito, filosofia, lição de moral etc. O que acabou por tornar o seu livro um tanto quanto cansativo. Apenas como forma de exemplo podemos apresentar Hermógenes, principal inimigo de Riobaldo protagonista do romance, como filho de Hermes, da mitologia grega. pp.292-300. O senhor Habão, fazendeiro extremamente ganancioso e que parece querer escravizar os jagunços, da cultura judaica (Abraão) pp.211-218 – além de outros personagens que são identificados com personagens bíblicos: Zé Bebelo com Moisés, Riobaldo com Josué e Jesus, João Goanhá com João Batista. E, por fim, como exemplo, os *catrumanos*, um grupo de semi-humanos encontrados pelo bando numa cidade destruída pela peste, das cartas do Tarô. pp.200-210: a descrição dos mesmos é a descrição das cartas do Tarô: o arcano (morte), o papa, o valete de paus, o rei de ouros e o valete de ouros.

Por outro lado, no mesmo caminho interpretativo, considerando a religião como ponto para a leitura do romance, Heloisa Vilhena de Araujo²⁸, sem nenhuma preocupação ou referência ao Taoísmo, apresenta o romance como um diálogo entre Guimarães Rosa e Dante Alighiere. Ela entende o romance como uma viagem do *homem humano* - expressão usada no romance - em direção a Deus, uma viagem de purgação e redenção, que, diferente do livro de Dante, não acontece no purgatório ou no inferno, mas sim no sertão mineiro; e tem o jagunço Riobaldo, narrador e protagonista do romance, o *homo viator*²⁹, que viaja pela narrativa do livro, na *travessia* da vida, em busca de Deus.

Os termos céu, inferno, purgatório, graça, Deus, Diabo, pecado, traição - ligado a Judas -, cruzada³⁰ e redenção são, a partir dessa leitura, as palavras-chave para a interpretação religiosa do romance. Já os termos yin e yang não são nem mesmo citados por Heloisa Araújo, e a tradição cristã, que para Utéza possui um caráter secundário no livro, é a tradição religiosa que serve como caminho principal de leitura do romance. O “Grande SerTAO: Veredas” de Utéza é, para a autora, na verdade, uma figuração, como livro, da própria Trindade³¹, da revelação e do caminho da redenção, o verbo (logos-palavra) de Deus.

“[...] *Grande sertão: veredas* poderia, ainda, ser visto como uma figuração da Encarnação: da significação, do espírito, que se encarna no corpo do livro, na letra do livro. E, segundo santo Tomás, [...], através do verbo exprime-se a Trindade inteira”. O verbo é o caminho da Trindade.”³²

Para a autora, assim como também para Francis Utéza, Guimarães Rosa é personagem do romance na figura de Riobaldo; contudo, esse autor-personagem – Guimarães-Riobaldo, segue por uma linha de compreensão da vida a partir das veredas de Tomás de Aquino: a filosofia e a teologia, as duas veredas do cristianismo segundo São Boaventura, que Heloisa passa a chamar de vereda filosófica e vereda teológica³³ na obra de Guimarães Rosa. Para a autora, Guimarães Rosa é, na verdade, o grande personagem do romance. Ele é a via interpretativa do texto e, conseqüentemente, de toda a sua obra: “Guimarães Rosa é, ao que tudo indica, o personagem único (polissêmico³⁴) do *Grande*

²⁸ Heloisa Vilhena de ARAUJO. *O Roteiro de Deus: Dois Estudos Sobre a Obra de Guimarães Rosa*. São Paulo: Mandarim, 1996. pp.13-376.

²⁹ Id. Ibid. p.21.

³⁰ Riobaldo é o líder da cruzada contra os Judas, os traidores.

³¹ Id. Ibid. p.93.

³² Id. Ibid. p.94.

³³ “Segundo santo Tomás de Aquino, a razão, sem a ajuda da revelação, pode provar a existência de Deus, sem que, entretanto, possa conhecer sua essência. Essa nos é dada pela revelação.” Cf. Id. Ibid. p.99.

³⁴ Ele se diversifica nas muitas outras personagens que o texto carrega, principalmente em Riobaldo. Além do cavalo “Manelzinho-da-Crôa”, o cavalo alado (Alighiere) e o cavalo guerreiro (Guimarães - Wimara) que fazem a

sertão: *veredas*, o “homem humano” que percorre o *itinerarium mentis ad Deum*³⁵, o caminho de Cristo, ou melhor, o Cristo como “o caminho” (João 14:06)³⁶. O romance também é uma alquimia, mas agora entre a teologia cristã, principalmente Tomás de Aquino, e a filosofia-mitologia grega, principalmente nas imagens dos filhos de Hermes³⁷ – Hermógenes (o *daimon*) e Diadorim (o *hermafrodita*).

Como conclusão

“Reze o senhor por essa minha alma. O senhor acha que a vida é tristonha? Mas ninguém não pode me impedir de rezar; pode algum? O existir da alma é a reza... Quando estou rezando, estou fora de sujidade, à parte de toda a loucura.”³⁸

Fica difícil tentar esclarecer aquilo que já parece bastante claro para os dois autores citados anteriormente. Ambos apresentam exaustivamente suas argumentações, conseguindo demonstrar que Guimarães Rosa realmente *bebeu de toda essa água* e, desta forma, embebedou também seu romance de conteúdos religiosos de diversas fontes: do cristianismo, do kardecismo e, mesmo que Heloisa Araújo não apresente nada quanto a isso, até mesmo do taoísmo, além de outras fontes às quais não nos deteremos aqui. Fica também difícil apresentar qual dos dois autores possui a melhor ou a maior razão naquilo que diz respeito às fontes religiosas usadas pelo autor para a construção de seu texto, já que ambos apresentam percepções parciais dos conteúdos religiosos contidos na obra de Rosa; fica difícil também dizer qual foi exatamente a alquimia religiosa usada, já que todas essas influências estão dentro do romance, são perceptíveis, e, como afirmei no começo desse trabalho, são conteúdos religiosos difíceis ou impossíveis de serem separados, identificados e analisados como fonte depois do *solve et coagula* de todo esse processo alquímico religioso-literário.

Desta forma começo a acreditar que não é o processo sincrético - preciso voltar ao termo - que deve ser observado de forma exaustiva, nem as religiões que fizeram parte do processo da construção do texto - apesar de sua importância -, mas sim o produto final, acabado, a religião nova, que, dentro do romance, não revela a religião de um grupo ou povo, mas sim e principalmente do autor. Contudo, essa religião pessoal demonstra, como

ligação entre os dois autores. Cf. Id. Ibid. p.121. Heloisa também utiliza da exegese (etimologia e semântica) dos nomes dos personagens e de episódios específicos de cada um desses para apresentar suas argumentações, mas o faz de forma mais agradável o que Utéza.

³⁵ Id. Ibid. p.121.

³⁶ Cf. Id. Ibid. p.171.

³⁷ Cf. Id. Ibid. pp.133ss.

³⁸ ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p.621.

texto literário ficcional - mesmo não sendo revelador de dados -, a dinâmica sincrética da própria religião, da alquímica da religião, que no *solve et coagula* se destrói e se constrói.